



O JORNALISMO DE SOLUÇÃO E A PRODUÇÃO DE UM JORNALISMO ENGAJADOR¹

Isadora Dezorzi Gerevini²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar se o programa Cidades e Soluções, veiculado pela GloboNews, se enquadra na categoria de Jornalismo de Solução (JS), a partir dos conceitos proposto pela *Solutions Journalism Network* (2020), organização especializada em produzir e difundir a cultura do Jornalismo de Solução. Além da *Solutions Journalism Network* o artigo se apoiou nas pesquisas de Wenzel, Gerson e Moreno (2016) sobre a produção de notícias de JS. Através de pesquisa bibliográfica, buscou as origens do Jornalismo de Solução em algumas correntes antigas, como o Jornalismo para a Paz, descrita por Johan Galtung (1970) e o Jornalismo Cívico nascido nos Estados Unidos (1980), para entender quais pontos os tornam semelhantes e o que os diferencia. Para a análise foram escolhidas quatro edições do programa Cidades e Soluções disponibilizadas gratuitamente na plataforma on-line da GloboNews, dando sequência a metodologia que consistiu em uma análise de conteúdo, por meio da qual foi possível realizar uma análise quantitativa e qualitativa, vislumbrando números e o conteúdo de forma mais clara. A partir dos resultados da análise, foi possível concluir que o programa Cidades e Soluções se enquadra na categoria Jornalismo de Solução pois nas quatro edições avaliadas constam as características delimitadas pela *Solutions Journalism Network*.

Palavras-chave: Cidades e Soluções; Jornalismo de Solução; Solutions Journalism Network.

1. Introdução

Um jornalismo que engaje, comunique para todos os participantes da sociedade e apresente soluções para problemas recorrentes se faz cada vez mais necessário. Diante desse contexto, o presente artigo teve como objetivo analisar o programa Cidades e Soluções, veiculado pela GloboNews, que foi usado como amostragem, à luz do conceito de Jornalismo de Soluções (JS) proposto pela *Solutions Journalism Network* (2020). A partir das características e exemplos apresentados, a pesquisa buscou concluir se o programa se enquadra

¹ Artigo produzido como requisito para a conclusão do Curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo.

² Acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo. E-mail: 158149@upf.br.

no conceito do JS e entender de que forma essa categoria pode ser um agente de mudança no jornalismo atual.

Para isso, foram utilizadas, como base teórica, as definições de Jornalismo de Solução fornecidas pela *Solutions Journalism Network* (2020). A organização surgiu em 2013, com o intuito de difundir a cultura do Jornalismo de Solução e melhorar a qualidade das produções jornalísticas. Além disso, o estudo apoiou-se nas pesquisas de Wenzel, Gerson e Moreno (2016). Porém, o conceito de Jornalismo de Solução é recente e teorias completas ainda se fazem necessárias. Como estudo complementar, o artigo abordou o Jornalismo para Paz, descrito, inicialmente, por Johan Galtung (1970), e o Jornalismo Cívico surgido nos anos 1980 nos Estados Unidos, apresentados como antecessores do Jornalismo de Solução. Os conceitos foram estudados através de uma pesquisa bibliográfica para tentar compreender quais características os tornam semelhantes e o que os diferencia.

Para a análise, foram selecionadas quatro edições do programa Cidades e Soluções, voltado a apresentar e debater experiências que transformaram e impactaram positivamente a vida das pessoas nas cidades. As edições escolhidas estão disponíveis de forma on-line no site da GloboNews. O artigo está dividido em quatro partes para a melhor compreensão, sendo a primeira a discussão sobre o Jornalismo de Solução, contextualização e características; a segunda sobre dois antecessores do JS: o Jornalismo para Paz e o Jornalismo Cívico, quando surgiram e as características. A terceira parte aborda o Jornalismo de Televisão, já que a análise realizada foi de um programa televisivo, onde são expostas características e mudanças que ocorrem pelo fato de a produção jornalística estar no suporte televisão. Em seguida, o artigo apresenta a metodologia utilizada para analisar as reportagens, através dos conceitos do JS da *Solutions Journalism Network* (2020). Após isso, a análise das quatro edições selecionadas, seguida das conclusões alcançadas com a pesquisa.

2. Uma solução ao jornalismo atual

Que o jornalismo tem enfrentado grandes desafios, não é novidade. A forma de produção e entrega de notícias modificaram-se com o tempo e com o desenvolvimento de novas tecnologias, os prazos de produção ficaram ainda mais curtos e as redações diminuíram. Esse novo cenário passou a ser visto e entendido como uma crise pela qual o jornalismo estava passando, juntamente com outras razões que estavam dificultando a realização do trabalho

jornalístico. “Reina um sentimento de indefinição, e a crise é crise de valores, crise de identidade, crise financeira” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 40 apud CARRARO, 2016).

A queda das receitas nos veículos acabou levando à demissão de profissionais e à diminuição de investimentos para a produção de reportagens com aprofundamento e investigação. “Essa crise de identidade soma-se a uma constante e gradual perda de credibilidade das mídias convencionais que, por assumir uma lógica mercantil acelerada, tem proporcionado o esvaziamento de seu poder investigativo” (SOUZA, 2018, s.p). A partir de sinais claros como queda das receitas, de audiência e esvaziamento das redações é possível perceber que o jornalismo atual precisa se remodelar.

Desde os anos 1980, pesquisas apontam a queda na credibilidade do jornalismo, atestada pela perda crescente de assinantes. A diminuição dos subsídios publicitários significou o estopim desse processo e incentivou o surgimento de iniciativas alternativas buscando reconstruir a confiança dos leitores e resgatar o jornalismo de seu paradeiro incerto (DE SOUZA, 2017, p. 10).

Como alternativa ao jornalismo que estava sendo produzido, surge o Jornalismo de Solução, o qual objetiva relatar uma informação, mostrando onde e como as pessoas estão achando melhores soluções para problemas, oferecendo uma visão mais abrangente e representativa do mundo.

Essa categoria foi criada para responder ao afastamento dos leitores do jornalismo ao identificar no viés negativista da cultura jornalística, centrado na cobertura de problemas, uma das causas para a crise. Essa visão pessimista não produz apenas uma representação distorcida da realidade, como também gera um sentimento de descrença generalizada e apatia política cuja consequência é o desligamento do público do jornalismo e da democracia (DE SOUZA, 2017, p. 10).

Dessa forma, o Jornalismo de Solução visa desencadear reflexões e ação do leitor, que ao perceber que certo problema foi resolvido em determinado lugar, se sentirá empoderado para agir também. “No cerne do jornalismo orientado para soluções está a suposição de que um quadro de notícias de soluções irá encorajar um maior envolvimento do público” (WENZEL; GERSON; MORENO, 2016, s.p). Ao sentir-se confiante, passará a confiar novamente no produto jornalístico, retomando uma função imprescindível para o jornalismo: ser útil para os integrantes da sociedade. Segundo Wenzel, Gerson e Moreno (2016, s.p),

As histórias mais poderosas do jornalismo de soluções usam o rigor da reportagem investigativa para explorar razões sistêmicas e subjacentes para males sociais e, em seguida, examinar criticamente os esforços para resolvê-los. Essas não são histórias

sobre um problema que se junta a uma nota final rápida como uma reflexão tardia sobre o que poderia ser feito.

Dessa forma, o JS explora e aprofunda, examina de forma crítica problemas enfrentados pela sociedade e dá luz para soluções que tiveram êxito em diferentes cidades, estados e países. Para disseminar a cultura do JS em todo o mundo e apresentar características que o conceituem de maneira mais clara, surgiu em 2013, a *Solutions Journalism Network*, que, segundo a própria organização, “visa treinar e conectar jornalistas para cobrir o que está em falta hoje: como as pessoas estão respondendo a problemas” (SOLUTION JOURNALISM NETWORK, 2020). Mais do que apresentar um fato isolado, preza pela explicação de como foi conseguido o êxito, ou não, e de que forma essa solução pode ser reproduzida em outros lugares. A organização possui um blog na plataforma Medium, onde escrevem sobre o JS. Um dos textos cita 10 razões pelas quais precisamos do JS, sendo elas:

Fornecer uma visão mais completa da sociedade; fornecer um mecanismo de feedback mais útil para a sociedade; fornecer informações essenciais para resolver problemas; fortalecer a cidadania; completar a teoria de mudança do jornalismo; revelar oportunidades ocultas de mudança social; melhorar a compreensão dos jornalistas sobre a sociedade; aprimorar o jornalismo tradicional; aprimorar o jornalismo investigativo; vai atrair um novo público (SOLUTION JOURNALISM NETWORK, 2020, s.p).

A organização disponibiliza cursos e treinamentos para profissionais interessados em desenvolver o JS, e no site oficial é possível buscar por exemplos de reportagens produzidas em diversos lugares. De acordo com a *Solutions Journalism Network* (2020), Jornalismo de Solução é uma resposta rigorosa a problemas sociais, ou seja, busca mostrar como um problema social teve solução ou foi amenizado, de forma explicada e abrangendo todo o processo, não apenas o “fim”, mas todos os desdobramentos possíveis, para que a solução encontrada possa motivar ou ser implementada em demais locais.

Além das características mais abrangentes, a organização elenca alguns pontos que caracterizam o Jornalismo de Solução como:

Pode ser orientado pelo personagem, mas se concentra em profundidade na resposta a um problema e como esta resposta funciona de forma detalhada; concentra-se na eficácia e não em boas intenções, apresentando evidências de resultados; discute as limitações da abordagem; busca fornecer *insights* que outras pessoas possam utilizar ou tomar como exemplo em diferentes lugares (SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK, 2020, s.p).

O JS é um termo relativamente novo na imprensa brasileira, tendo surgido, inicialmente, nos Estados Unidos. Segundo Loose (2019), pesquisadores da área dizem que pelas características que apresenta tem origem no Jornalismo Cívico ou até mesmo no Jornalismo para Paz. A *Solutions Journalisms Network* busca descrever o que é o Jornalismo de Solução e o que faz uma matéria se encaixar na categoria. Porém, uma teoria completa que o descreva ainda é escassa, mas muito se relaciona com categorias mais antigas como o Jornalismo para Paz e o Jornalismo Cívico, que nasceram através de alguns movimentos da sociedade e serão explicados na seção posterior.

2.1 Jornalismo para a Paz e Jornalismo Cívico: Inspiração para o Jornalismo de Solução

O Jornalismo para a Paz, considerado um dos antecessores do Jornalismo de Solução, iniciou nos anos 1970. De acordo com Loose (2019), o sociólogo Johan Galtung é considerado a referência desse movimento, que o criou pensando na oposição do jornalismo de guerra, orientado apenas para o conflito e suas consequências visíveis. Segundo Cardoso (2013), a base para o conceito faz parte de um movimento de reforma do jornalismo internacional, com a publicação de um artigo “*The Structure of Foreign News*”.

Na época, os pesquisadores colocavam em questão como os eventos se transformavam em notícias e, para isso, trabalharam com o fato de a mesma seguir linhas de edições que partiam de convenções jornalísticas engessadas, enquanto o próprio acontecimento exigia flexibilidade e perspectivas mais amplas para ser compreendido (CARDOSO, 2013, p. 80).

Desde aquela época, era possível perceber que as notícias negativas já ganhavam mais amplitude e disseminação entre as pessoas.

As escolhas feitas pelo jornalismo para a paz buscam a humanização e o entendimento, uma vez que dá voz a todas as partes, é orientado para as pessoas e para a cultura de paz em vez de somente reportar a violência direta. As coberturas devem ser equilibradas e atenção deve ser dada a todas as etapas do que se propõe a narrar: o antes (o que levou àquela situação), o durante (o que deve ser feito para transformá-la) e o depois (legado: quais são as consequências e estratégias de prevenção) (CABRAL; SALHANI, 2007, apud LOOSE, 2019, p. 93).

Para McGoldrick e Lynch (apud Salhani e Cabral 2017), o Jornalismo para a Paz traça novas linhas de conexão entre os jornalistas, fontes e consequências utilizando a análise e transformação de conflitos para chegar a um equilíbrio, igualdade e aumentar o rigor das coberturas jornalísticas. Não noticia apenas assuntos relacionados à paz, mas aplica elementos

dos estudos da paz e de conflitos ao cotidiano da profissão. De acordo com Cardoso (2013, p. 88), “às premissas do Jornalismo para Paz sugerem a produção jornalística igualitária, que evita o tom de explicação apenas para uma parte envolvida no conflito e a estigmatização entre o bem e o mal”. Ainda segundo Cardoso (2013), como técnica incentiva a ordem social, porque inclui o discurso do conflito ou da diferença social como estratégia de paz ou reflexão, tendo como desafio tirar o público da apatia e promover engajamento.

Os autores Cabral e Salhani (2017), definem o jornalismo orientado para a paz através das seguintes características propostas, anteriormente, por Johan Galtung:

Orientado para a paz/conflito: explora a formação de conflitos, partes, objetivos e problemas múltiplos, todas as partes ganham; Espaço e tempo abertos: causas e consequências em qualquer lugar, inclusive na história e na cultura, apresenta os conflitos com transparência; Dá voz a todas as partes, com empatia e entendimento; Vê conflito e guerra como problemas e foca na criatividade; Humaniza todas as partes, especialmente quando há armamentos; É proativo: busca a prevenção antes que a violência e guerra ocorram; Foca nos efeitos invisíveis da violência: traumas, danos à estrutura e à cultura (CABRAL; SALHANI, 2017, p. 4).

É possível constatar que o Jornalismo para Paz preza pela qualidade dos conteúdos veiculados, pensando e analisando impactos da veiculação e também visa dar voz a todas as pessoas, não apenas aos mesmos, com transparência e empatia.

Assim como o Jornalismo para Paz, outra vertente nasceu da vontade de inserir e engajar o público com o jornalismo produzido. O Jornalismo Cívico começou a ser debatido pela primeira vez no fim da década de 1980, nos Estados Unidos. “A iniciativa nasceu como uma reação de alguns periódicos estadunidenses à sucessiva queda nas vendas e ao descrédito que enfrentavam, constatado por meio de pesquisas” (PENA, 2005 apud LIMA; MOTA, 2014). Segundo Lima e Mota (2014), o movimento buscava colocar os cidadãos no centro, responder a seus anseios e necessidades reafirmando a democracia e incentivando a participação política da população, já que nos Estados Unidos o voto é facultativo. Para Dornelles (2012), o Jornalismo Cívico nasceu devido a frustrações com a cobertura das eleições presidenciais, tendo como objetivos fundamentais uma nova forma de produção de notícias entre os profissionais da imprensa e leitores. Essa nova forma de produção estava centrada em manter um diálogo com os cidadãos e leitores. Assim, “o jornalismo cívico opta pela abordagem de assuntos que estimulem a reflexão e ação dos cidadãos em prol da vida cívica” (LIMA; MOTA, 2014, p. 33).

Os primeiros adeptos ao Jornalismo Cívico e defensores do movimento, partiram de dois pressupostos:

1) a situação atual em que se encontra o jornalismo é desfavorável porque o interesse das pessoas na vida pública diminuiu de maneira considerável; 2) diante desse cenário, ao jornalismo e seus agentes não cabe um posicionamento vitimizado, tendo em vista que também são responsáveis pelo descrédito da população na democracia e na vida pública, seja por um recorrente uso do sensacionalismo, pela ênfase no entretenimento ou pela veiculação de informações que não contribuem para um processo reflexivo dos leitores/espectadores/receptores (LIMA; MOTA, 2014, p. 31).

A partir da constatação de que o jornalismo estava enfrentando determinados problemas, o Jornalismo Cívico surge para tentar amenizá-los e mais do que isso, mostrar que o jornalista tem papel fundamental para reconquistar o interesse e confiança do público. “Como escreve outro pai fundador do movimento, o Professor universitário Jay Rosen: o jornalismo pode e deve ter um papel no reforço da cidadania (*citizenship*), melhorando o debate público e revendo a vida pública” (TRAQUINA, 2020, p. 294). Dornelles (2012), concorda com as afirmações de Rosen ao dizer que “o conceito fundamental do jornalismo cívico reside na força de revitalização da vida pública, onde o jornalismo deve redefinir seus valores e aproximá-los da comunidade” (DORNELLES, 2012, p. 246). Quanto às intenções que o Jornalismo Cívico apresenta, segundo Silva (2012, p.55), pode-se destacar a busca pelo engajamento político do jornalista e seus públicos nos processos políticos e sociais.

A tentativa de engajar os jornalistas e leitores a participarem da vida pública e de questões da sociedade é uma das características marcantes desse jornalismo, porém outros aspectos são utilizados para descrevê-lo.

Independentemente de um conceito fixo, uma das características mais marcantes do jornalismo cívico é estar plenamente a serviço do público, distanciando-se dos interesses puramente econômicos – quando os veículos noticiosos estão unicamente voltados à obtenção de lucro – e políticos – quando a mídia se vincula a ideais partidários e cede a pressões do governo vigente. Os cidadãos e suas necessidades passam a ocupar um papel primordial tanto na definição das pautas quanto na construção da notícia, incentivando e melhorando, desta forma, o debate cívico e contribuindo para a formação de um espaço público mais dinâmico e fortalecido (LIMA; MOTA, 2014, p. 31).

A partir dos conceitos e características do Jornalismo para Paz e do Jornalismo Cívico, é possível constatar que o Jornalismo de Solução se utiliza de alguns pontos para formular sua própria construção. Assim como os antecessores, o Jornalismo de Solução visa contextualizar um fato e busca uma maior aproximação com o público, da mesma forma que é centrado nos sujeitos e busca envolvê-los no debate público.

Pode-se notar que todas reivindicam por um outro olhar, um outro enquadramento (diferente daquele centrado na informação rápida e objetiva, que retrata somente o fato presente), que valorize mais a participação do cidadão e entenda o jornalista como um ator capaz de intervir na sociedade. São diferentes conceitos que têm algo em comum: uma prática jornalística mais interessada no bem-estar social de uma maioria carente de informações sobre como melhor agir no mundo (LOOSE, 2019, p. 95).

Apesar de ambos partirem da premissa de aumentar o engajamento com o público, inseri-los no debate, produzir notícias mais contextualizadas e apresentar novas faces da notícia, é possível constatar algumas diferenças entre eles. O Jornalismo para Paz nasceu essencialmente da percepção de que o jornalismo estava permeado de notícias negativas. Para Cabral e Salhani (2017, p. 4), “estuda-se o jornalismo e sua relação com a paz por este estar amplamente permeado pela violência.” Assim, o maior objetivo do surgimento do Jornalismo para Paz foi contrapor-se ao jornalismo de guerra. Já o movimento do Jornalismo Cívico parte da premissa de que “o jornalismo não pode oferecer apenas o que é interessante, mas, sobretudo, o que é importante para os cidadãos” (TRAQUINA, 2005, p.10 apud SILVA 2012 p. 56). Assim como o Cívico, o Jornalismo de Solução não quer apresentar apenas o superficial, quer trazer informação para que as pessoas possam atuar. A diferença que podemos constatar entre eles é que “nos EUA, o jornalismo cívico sempre esteve associado a uma função de formação do eleitor e o estímulo ao voto consciente em candidatos que possam resolver os problemas das pessoas” (SILVA, 2012, p. 56). Apesar do Jornalismo de Solução objetivar a conscientização em todos os âmbitos e, conseqüentemente, na vida política, isso não aparece como um característica central, pois segundo Souza (2017, p. 12), “objetiva munir os cidadãos com conhecimentos para promover um debate público instruído e para habilitar os indivíduos a encontrarem soluções para os problemas de suas comunidades.” A partir dos autores, pode-se destacar que o foco principal do Jornalismo de Solução é, portanto, engajar as pessoas a buscarem soluções para problemas locais através dos exemplos noticiados de soluções que deram certo em diferentes partes do mundo.

2.2 Jornalismo de Televisão

O jornalismo está sempre em busca do factual, do que pode impactar a vida das pessoas, do que causa curiosidade e estranhamento. Seja na rádio, TV, jornal impresso ou on-line, todos buscam pelo furo e por informar sempre a novidade. O que acaba os diferenciando é a linguagem utilizada e as limitações que apresentam. “Para os jornalistas, os assuntos são

considerados relevantes à medida que interessam a um grande número de pessoas, quando causam impacto ou afetam a vida dos cidadãos. Esse conceito de notícia se aplica a todos os veículos” (ARAÚJO, 2017, p.41).

Apesar de todos irem em busca do mesmo, alguns elementos podem fazer uma matéria ganhar mais relevância quando veiculada na televisão, e aqui podemos citar o som e imagem. “Uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 41). Por esta razão, muito do que é veiculado é guiado pela força que a imagem representa. Porém a imagem não deve ser o único elemento que merece atenção. Para produzir uma boa notícia de televisão o texto deve ser bem escrito para informar sem ruídos.

Busca-se a complementaridade entre texto e imagem, sem conflito ou redundância. Não se trata de descrever o que a imagem mostra, mas de complementar com mais informações o que se vê. O texto dá apoio à imagem, sem redundância, sempre cumprindo a regra da simplicidade e da emoção na medida certa, sem exageros ou sensacionalismos (ALMEIDA, et al., 2018, p. 52).

Muito se avançou desde os anos 50, quando, segundo Araújo (2017, p.62), surgiram os primeiros telejornais com o formato mais parecido com o do radialismo do que com o telejornalismo atual.

O tempo trouxe os avanços tecnológicos e, com eles, novas maneiras de se fazer reportagem. Educativa ou sensacionalista, assumiu a função de ser socializadora, buscando envolver o público tanto pela educação quanto pela emoção. A reportagem passou a discutir novos problemas, públicos e privados, de interesse geral e a revelar aquilo que o Estado tentava manter em sigilo (ARAÚJO, 2017, p. 179).

Outra diferença que se pode notar é a linguagem utilizada na televisão, devendo ser a mais clara e objetiva possível para informar com precisão até mesmo telespectadores que estão fazendo outras atividades ao mesmo tempo em que assistem.

Até mesmo a linguagem entre os veículos se diferencia, segundo os críticos. Para eles, os telejornais optam por uma linguagem mais empobrecida — quase como uma afronta à classe mais intelectualizada —, enquanto o jornal impresso emprega um rebuscamento e uma sofisticação maiores no vocabulário (ALMEIDA, et al, 2018, p.42).

Ao passo que as tecnologias foram avançando, novos telejornais surgiram, novos canais e novos meios de informar, como a internet. Para continuar se destacando e cativando o público, o jornalismo produzido para a televisão, além de utilizar muito bem os recursos audiovisuais,

também passou a priorizar outros fatores. “Atualmente com a quantidade de informações que circulam nas diversas mídias, uma reportagem deve ter clareza e concisão, conteúdo relevante. Esses três fatores são decisivos para a abordagem de qualquer assunto escolhido para ser noticiado” (ARAÚJO, 2017, p. 180).

Apesar do surgimento de novos canais de comunicação, a televisão ainda se mantém relevante e conquistando um grande público, sendo um meio pelo qual a maioria das pessoas continua se informando.

É no telejornalismo que uma parcela significativa da população se abastece do mínimo de informações para se sentir parte integrante da realidade, para estar atenta com o que acontece no país e no mundo. Esse é o principal impacto social do telejornalismo sobre a sociedade: a força que possui, graças à imagem “casada” com o texto, de transmitir fatos como verdadeiros e, portanto, inquestionáveis (ALMEIDA, et al., 2018, p.39).

Mesmo que o telespectador esteja assistindo as notícias de sua casa, sente que faz parte do acontecimento e que está presenciando em tempo real, uma das razões que faz a televisão ainda ser um meio de extrema importância para um público em busca da informação.

3. Metodologia

O presente artigo teve como objetivo analisar o programa Cidades e Soluções, veiculado pela GloboNews, à luz do conceito de Jornalismo de Soluções proposto pela *Solutions Journalism Network* (2020). O objeto de análise foram quatro reportagens do programa Cidades e Soluções, uma produção brasileira transmitida pela GloboNews desde 2007, e apresentada pelo jornalista André Trigueiro. Com duração de, em média, 20 a 30 minutos, o Cidades e Soluções consiste numa série de reportagens que trazem soluções e exemplos que impactaram positivamente a vida das pessoas. Para a pesquisa, foram selecionadas quatro edições do programa: Novo Coronavírus: cuidados no cotidiano, veiculada em 22 de março de 2020; Folia Sustentável, veiculada em 21 de fevereiro de 2020; Plantadores de árvores: conheça iniciativas que ajudam o planeta, veiculada em 23 de setembro de 2019; Brasil trata menos da metade do esgoto que gera, veiculada em 30 de abril de 2018. A escolha privilegiou os conteúdos que não dependiam de assinatura no canal, dessa forma, na análise prezou-se por avaliar apenas as que estão disponíveis para todos, que poderão utilizar as informações e exemplos fornecidos. Para a seleção, seguiu-se a ordem em que foram dispostas na plataforma.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo jornalístico,

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2010, p. 126).

Por meio da análise de conteúdo, é possível realizar uma análise quantitativa e qualitativa, onde ao mesmo tempo que apresenta números concretos sobre determinadas incidências, também possibilita vislumbrar o conteúdo de forma clara. Como esclarece Herscovitz (2010, p.123), essa metodologia pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos, ao passo que serve para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos. Assim, através da análise de conteúdo, foram analisadas quatro reportagens disponíveis na plataforma on-line da GloboNews. Para uma melhor amostragem dos resultados, foi utilizada uma tabela com o nome de cada reportagem e as características detalhadas pela *Solutions Journalism Network*, assinalando cada uma delas em caso positivo.

As categorias de análise que embasam o estudo foram extraídas da fundamentação teórica e são: **Profundidade da resposta**: como se dá o desenvolvimento da solução e como funciona de forma aplicada; **Como a resposta funciona de forma detalhada**: quais as etapas, processos e funções necessárias para que a resposta funcione; **Eficácia e evidência dos resultados**: quais foram os resultados obtidos através da solução aplicada; **Limitações da abordagem**: até onde a solução funciona e quais as limitações que ainda precisam ser superadas; **Fornecer insights**: servir como inspiração, gerar novas ideias e aplicações em outras partes do mundo e fornecer uma compreensão acerca de um problema e uma possível solução. Todas as características são propostas pela *Solutions Journalism Network* (2020) e descritas no site da organização.

4. Cidades e Soluções: a criatividade em ação para solucionar problemas

Como descrito na metodologia, o corpus para a realização da seguinte pesquisa foram quatro reportagens veiculadas pelo programa Cidades e Soluções, da GloboNews. A análise foi guiada pelas características propostas pela *Solutions Journalism Network*, a fim de concluir se

o programa Cidades e Soluções é, de fato, um programa de Jornalismo de Solução e quantas destas características são perceptíveis nas reportagens analisadas. Para a análise qualitativa foram feitas inferências, ou seja, trechos que condizem com as características foram descritos a fim de demonstrar onde o conceito está presente. Para a análise quantitativa, as características presentes em cada reportagem foram assinaladas com o “X”, no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Características do JS presentes nas reportagens

REPORTAGENS	CARACTERÍSTICAS				
	Profundidad e da resposta	Como essa resposta funciona de forma detalhada	Eficácia e evidência dos resultados	Limitações da abordagem	Fornece insights
Novo Coronavírus	X	X		X	X
Folia sustentável	X	X	X	X	X
Plantadores de árvores	X	X	X	X	X
Brasil trata menos da metade do esgoto que gera	X	X	X	X	X

Fonte: *Solutions Journalism Network*³

4.1 Novo Coronavírus: Cuidados no cotidiano

A reportagem veiculada em 22 de março de 2020, produzida pelo jornalista André Trigueiro e que conta com 24 minutos de duração, aborda o coronavírus e os cuidados necessários para que as pessoas possam se proteger na rua e em casa. São apresentadas questões como: higiene das mãos e objetos, como abrir portas sem tocá-las com as mãos e os cuidados ao chegar e sair de casa. Através da análise da reportagem, é possível concluir que se enquadra no conceito do JS, já que todas as características descritas pela *Solutions Journalism Network*, podem ser relacionadas com o material analisado.

A característica profundidade da resposta pode ser notada a partir do momento que a especialista especifica todos os cuidados necessários na higienização de mãos e alimentos ao mesmo tempo que ela e o jornalista executam para proporcionar maior clareza. O trecho, a partir dos cinco minutos, ajuda na compreensão da característica exposta, além de contar com uma

³ Tradução livre feita pela autora, retirada do site <https://www.solutionsjournalism.org/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

conversa entre os dois, onde o processo de lavagem das mãos é mostrado do início ao fim: *“Tirar relógio, pulseira. Deixa eu ver se está lavando certo, lavou a palma, a ponta, costa de mãos, entre dedos, punho. Tem uma coisinha que não foi ainda, o polegar”*. E ainda, sobre os cuidados em casa, *“você pode fazer deste banheiro o primeiro lugar que vai quando chega em casa, nem todo mundo, às vezes tem condição de ter um banheiro que possa dedicar a isso, e o cuidado também, que se você tem uma família, a toalha deve ser de uso individual. Uma coisa que você pode fazer em casa, tá lavando a mão, durante a lavagem de mãos você pode com sabão, lavar a própria torneira”*. Por esta razão, a característica como a resposta funciona de forma detalhada também fica bem evidenciada.

A reportagem também fornece insights, ao passo que vai apresentando formas de como reduzir os riscos de contágio e como podemos ajudar grupos vulneráveis a se protegerem, como no trecho onde dá dicas de ajuda aos idosos: *“Se você tem um idoso, eu sou mais nova, eu posso me oferecer pra ir no mercado e comprar alguma coisa pra ele”*.

Como é um vírus ainda sem solução, a limitação da abordagem se estabelece no fato de não existir um fator de proteção totalmente eficaz e isso é deixado bem claro no decorrer da reportagem, mais especificamente, nos 14 minutos de reportagem com a fala da especialista: *“A gente não vai conseguir ser imune 100%, isso é importante. Agora, a gente ajuda mantendo a distância, limpando, lembra da maçaneta”*.

4.2 Folia Sustentável

A segunda reportagem, veiculada em 21 de fevereiro de 2020, com 21 minutos e 45 segundos de duração, aborda maneiras sustentáveis de realizar o Carnaval, sem agredir o meio ambiente e sem gerar poluição excessiva. Na edição, são apresentadas formas de diminuir a emissão de poluentes provindos de combustíveis, como produzir *glitter* e purpurina biodegradáveis e roupas e ornamentos de carnaval duráveis por meio do crochê. Através da análise, Folia Sustentável se enquadra na categoria do JS, pois todas as características podem ser percebidas. Uma das mais claras e recorrentes é o fator fornecer insights, pois são mostradas formas de realizar um evento sem que gere uma enorme quantidade de lixo e produção de resíduos, como nas partes extraídas a seguir: *“A gente produz todos os anos, os coletores que vão estar instalados nos postes para que o folião possa fazer o descarte correto”*. E sobre a confecção de ornamentos: *“Estamos fazendo a partir de duas garrafas pet, estamos desenvolvendo um cocar, que também é ajustável, todo com material reciclado”*.

A resposta ao problema é detalhada pois mostra como novas ações impactam positivamente, explicando como é possível realizar os procedimentos, enquadrando-se também na categoria profundidade da resposta já que não se limita apenas a mostrar, mas explica e apresenta passo a passo como fazer a “solução”. Logo no primeiro minuto isso é exposto: *“Nosso bloco funciona com 100% de energia renovável, essa energia vem do folião, então cada uma das bicicletas tem um gerador elétrico que transforma energia humana em eletricidade”*. Em seguida, o exemplo é apresentado na prática. *“Cada bicicleta tem um gerador elétrico no cubo. Quando você pedala lá dentro dele você movimenta o ímã que arrasta os elétrons do cobre, esses elétrons são colocados no nosso sistema de retificação e abastecem toda energia elétrica dos amplificadores”*.

A eficácia dos resultados fica a cargo dos números apresentados em relação à produção e utilização do óleo diesel. *“Não usamos nenhum combustível, a não ser energia humana e muito menos bateria do tipo chumbo ácido ou lítio que é pior ainda, para armazenar energia. Aqui é 100%, diferente de muitos blocos de carnaval que usam caminhões, trios elétricos enormes, com grandes amplificadores, que consomem 300, 400 litros de óleo diesel, em uma única tarde de carnaval”*.

Já a limitação é exposta quando os valores para a produção dos materiais, como a purpurina biodegradável, são questionados. Apesar de ser uma solução útil, o alto valor não a torna viável para todos. *“E o custo de uma purpurina como essa é mais alto que o da purpurina normal? Com certeza, porque por ser uma coisa feita artesanalmente e com insumos que são caros, ela tem um custo alto né, bem mais alto que o glitter comum, porque o plástico é um material muito barato”*.

4.3 Plantadores de árvores

A reportagem intitulada Plantadores de Árvores apresenta histórias e soluções com a mesma temática: como aumentar áreas verdes e se beneficiar com a ação. A primeira solução apresentada é de um produto desenvolvido para proteger as mudas durante o reflorestamento, chamado de nucleário. As funções e como ele funciona são apresentadas de forma detalhada logo ao início da reportagem: *“As partes de câmaras de ar que ele tem internamente são inspiradas nas sementes aladas, o nucleário funciona em camadas, no caso aqui a gente as camadas de proteção do solo, para que? Pra gente frear a entrada da água, segurar os nutrientes no solo”*. Os resultados obtidos também são informados, mostrando a eficácia e

evidência dos resultados: *“A gente lá no campo, consegue capturar com dois sensores e um datalog, os níveis de umidade do solo. Então a gente consegue ver perfeitamente a diferença de umidade do núcleo pro grupo controle. Então quer dizer, ele está retendo a umidade do solo e fazendo com que essa umidade atraia a biodiversidade e favoreça o crescimento da muda”*. É possível constatar que o produto está sendo utilizado por corporações com projetos de plantio de árvores, porém a tecnologia não está à disposição de todas as pessoas, talvez por ainda estar em fase inicial e requerer algumas modificações ou por outros motivos que não foram informados na reportagem. Apesar disso, é uma solução que traria grandes benefícios se estivesse ao alcance da população em geral.

Já a segunda história aborda a ação de um morador de São Paulo, que começou a plantar árvores em um parque da cidade, uma ação que teve impacto e deu vida ao primeiro Parque Linear da cidade (localizado dentro da área urbana). Porém o JS diz que a matéria pode apresentar o personagem, mas o foco deve ser a solução. Apesar de mostrar uma solução e fornecer insights para outras pessoas aplicarem a iniciativa, o personagem ganhou mais relevância. A última parte da reportagem trata sobre o reuso da água e o papel do plantio de árvores nas margens de rios. Apesar de estar dividida em três partes, com histórias diferentes e não contendo todas as características em cada uma delas, na totalidade da reportagem é possível enquadrá-la como uma produção que segue os preceitos do JS.

Profundidade da resposta e como funciona de forma detalhada são as características presentes em todas, assim como fornecer insights. Um exemplo claro de insight é apresentado no momento onde abordam sobre o reuso da água: *“Estamos trabalhando o reuso da água cinza, uma água de baixa qualidade que geralmente é jogada fora, em qualquer lugar e que agora passa por um prévio tratamento, de baixo custo e que é direcionada para um sistema agroflorestal”*.

Na última parte da reportagem, onde a questão do plantio e reuso da água são expostas, está presente a limitação, é deixado claro que os estudos ainda estão em andamento. *“Como essa água vai se comportar né, e como essas plantas vão se comportar com essa água, isso é objeto de estudos que estamos fazendo, enquanto universidade e academia, estudos mais apurados e científicos para trazer essa resposta aos agricultores”*. Embora o intuito da reportagem seja o de apresentar soluções para o aquecimento global a partir do plantio de novas árvores, um insight muito interessante é apresentado, sobre a reinserção de presidiários à sociedade através do trabalho em projetos que visam aumentar áreas verdes. *“Todos que participam do programa acumulam conhecimento em várias áreas [...] Todo processo de*

revegetação é do conhecimento dessas pessoas. Quer dizer, isso que eles acumulam tem servido para eles se inserirem no mercado de trabalho”.

4.4 Brasil trata menos da metade do esgoto que gera

A última reportagem analisada, de abril de 2018 e com duração de 20 minutos, dá luz a uma problemática importante que se vive no Brasil: a inutilização e falta de tratamento dos esgotos. Para motivar soluções em outras partes do país, são apresentadas atitudes que deram um uso viável ao esgoto e que podem ser implementadas. Também foi dividida em três histórias, ambas com a mesma temática, cada uma mostrando uma solução diferente para o esgoto gerado. Na primeira parte, sobre a transformação do esgoto em adubo, constata-se, a partir dos três minutos, a presença das características profundidade da resposta e como funciona de forma aplicada: *“Aqui é propriamente o lodo antes de ser desaguado. O que ocorreu? Ocorreu a transformação, a conversão entre o carbono orgânico que é presente no esgoto por biomassa bacteriana. Basicamente o lodo do esgoto é composto por biomassa bacteriana. Posteriormente, ele será desaguado ou em leitos de secagem ou em centrífugas. Esse processo consiste na adição de cal na proporção de 30 a 50%, onde promove a redução de eventuais patogênicos que possam causar doenças para a população”.* Apesar do procedimento ser apresentado junto da explicação, a linguagem utilizada é mais técnica, o que pode prejudicar o entendimento do público sobre como reproduzir o exemplo, já que em programas de televisão a linguagem a se utilizar visa o mais simples e coloquial possível para que todos possam compreender.

Logo na sequência, são explicitados os resultados obtidos nas plantações: *“Nós estamos aplicando no café e tá vendo um resultado bom. Nós tínhamos uma produtividade de 30 sacas por hectare e aumentamos para 43 sacas por hectare de café [...] Deu mais produtividade, o custo diminuiu com o lodo, exige menos adubação química”.* E ainda, o relato de um produtor de trigo que também se beneficiou com o produto: *Aumentou o lucro, porque a produção aumentou muito, sabe. Eu colhia em média, de 100, 110 sacos nessa área que eu usei o produto. Agora tô colhendo 150, 170 sacos por alqueire”.* A limitação também aparece, a partir do momento que especialistas explicam que o lodo não pode ser utilizado em algumas culturas: *“Pra gente aplicar esse produto primeiro tem que ter um projeto, e não é um projeto simples, é um projeto complexo porque precisa saber da cultura. Tem cultura que não é permitida, a legislação ambiental não permite”.*

A segunda parte discorre sobre a produção de combustível através do esgoto na cidade de Franca, inspirado no exemplo da Alemanha que já utiliza o esgoto para este fim. Apesar de ser uma solução extremamente útil e eficiente, a limitação é grande pois apenas 2% dos carros são adaptados para o uso do gás natural: *“O pequeno número de carros adaptados para o uso de gás como combustível é outro entrave. São apenas 2% dos veículos no Brasil”*. A profundidade da resposta e como funciona de forma detalhada são características bem presentes e que tornam a reportagem extremamente completa, já que todo o processo é explicado: *“Na estação da Sabesp, a parte líquida do esgoto é separada da parte sólida. A água limpa volta para os rios. O lodo que é o sólido vem para esses tanques chamados biodigestores onde fica por até 30 dias para a decomposição. Esse processo gera gases, entre eles, o gás metano com alto poder de combustão [...] Um sistema de filtros separa o metano das outras substâncias geradas no biodigestor”*. Após a descrição do processo, são apresentados os números que a ação já gera: *“Por enquanto, só os carros da Sabesp de Franca serão abastecidos com o biogás do esgoto. A empresa pretende economizar 1500 litros de gasolina por dia.”* E também, aponta uma estimativa do impacto após a tecnologia começar a ser utilizada de forma ampla: *“Essa estação de tratamento de esgoto, que atende a 270 mil pessoas, vai produzir biogás já purificado que vai abastecer mais de 200 automóveis e isso pode ser replicado pelo país afora”*. Além da eficácia e evidência dos resultados da utilização do biogás, o tratamento correto do esgoto trouxe outro resultado positivo e benefícios à cidade: *“Em Franca, a taxa de internação por falta de saneamento é baixa: 10/100 mil habitantes”*. Toda a reportagem é um grande insight, com vários exemplos de usos criativos e inteligentes do esgoto, que traz o questionamento do porquê a tecnologia ainda não ser utilizada em grande escala. Através da fala de um dos funcionários da empresa, o insight ganha destaque: *“O que nós estamos aqui fazendo de forma pioneira é utilizar esse biogás que em geral é queimado, de uma forma útil, quer dizer, separando os componentes que são nocivos para a combustão com processos químicos, como a filtração nós conseguimos produzir um produto puro o suficiente para ser utilizado nos veículos”*.

O terceiro uso do esgoto diz respeito a geração de energia através do tratamento. A tecnologia também ainda não é disponibilizada para a população, está em uso apenas na empresa, que já apresenta alguns números, mostrando assim, a eficácia e evidência dos resultados: *“A economia de energia elétrica supera 1 milhão de reais por ano”*. Indo além dos resultados já alcançados, é apresentada uma estimativa para quando a solução for implementada na cidade: *“Quando tiver o motogerador conectado à rede a gente vai gerar 2.8 megawatts que*

é o equivalente, se eu fosse assim pra quem tá em casa entender, é o equivalente a energia consumida para duas mil casas populares”. Outros insights que puderam ser percebidos durante a análise da reportagem são sobre como solucionar o problema do mau cheiro do esgoto e contaminação do solo, que afetam inúmeras localidades, e que a empresa conseguiu resolver: *“A gente não tem mais lodo que não passe por tubulação, então acho que uma grande vantagem é essa. A maioria das estações de tratamento tem o cheiro que incomoda a população. Aqui na nossa empresa não tem. Então o lodo vem da Sanepar até chegar ao nosso tanque de biodigestão, ele vem todo por tubulação. Então a gente não tem mais nenhum problema de contaminação do solo”.* E também sobre um novo uso ao material que não pode ser usado na geração de energia: *“Além de energia elétrica, o material residual que não pode ir para o biodigestor segue para a produção de cimento”.*

Com a análise das quatro reportagens finalizadas, foi possível constatar as diferenças que as reportagens de Jornalismo de Solução expressam. É importante destacar que a escolha dos temas representa grande influência na produção das reportagens com estas características, já que não são todos os assuntos que abrem espaço para uma abordagem como a do JS. Grande parte das edições do Cidades e Soluções tratam sobre problemas sanitários e ambientais, sustentabilidade e uso adequado dos recursos naturais, temas que permitem expor soluções e exemplos que deram certo. São reportagens que prendem a atenção ao levar mais do que o retrato de um problema, mas também soluções eficazes, baseadas em estudos e utilizações que geraram resultados positivos, criando no telespectador uma inspiração para tentar solucionar os mesmos problemas no local onde vive. Em três das quatro edições, são apontadas mais de uma história que se analisadas individualmente não se enquadram como JS, mas a totalidade as torna reportagens de Jornalismo de Solução. Ambas trazem problemas expressivos no Brasil, como o esgoto, desmatamento, produção de lixo e o mais recente, o coronavírus que ainda não tem cura, mas algumas atitudes podem ser tomadas para evitar a transmissão e contágio, que são amplamente exemplificadas na reportagem.

Outro ponto que chama a atenção, é sobre o papel do repórter e dos entrevistados. O Novo Coronavírus mostra o repórter, André Trigueiro, mais como um protagonista, pois é ele quem segue os exemplos que a especialista demonstra, desde a lavagem de mãos até cuidados com os alimentos. Já na Plantadores de Árvores, pode-se notar que a primeira história apresentada dá voz apenas aos entrevistados, sem a interferência do repórter. Então fica claro que não seguem um padrão quanto a isso, as prerrogativas evidenciadas são quanto às

características indispensáveis para serem classificadas como produções de JS, que são bem apresentadas nas quatro edições analisadas.

Entretanto, é importante pontuar alguns aspectos que poderiam facilitar o entendimento e a prática das soluções que são apresentadas. Em algumas das edições é possível perceber o uso de uma linguagem mais técnica durante a explicação dos processos e funcionamento deles. Muitas vezes, o uso destes termos se faz necessário para uma explicação completa, porém é preciso pensar formas de democratizar e trazer uma linguagem mais simplificada já que o intuito do JS é que as soluções sejam replicadas. Ainda sobre buscar maneiras de facilitar o acesso, algumas das soluções acabam sendo inviáveis se pensadas em todo o território brasileiro, seja pela falta de investimentos e infraestrutura ou pelo alto custo, apesar dos benefícios a longo prazo. Diferente da reportagem “Folia Sustentável” que traz maneiras simples de reutilizar o lixo e materiais que seriam descartados e “Plantadores de Árvores” que em uma das histórias aborda a simples solução de começar a plantar mais árvores, as demais requerem investimentos, estudo e incentivos municipais, estaduais e federais para serem implementadas e disponibilizadas para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sobre Jornalismo de Solução delimitou como objetivo analisar o programa Cidades e Soluções, veiculado pela GloboNews, à luz dos conceitos de JS propostos pela *Solutions Journalism Network*. Através da análise de conteúdo, o corpus foi estudado com o auxílio de um quadro para a verificação do número de características e, em seguida, com trechos das edições do programa pôde ser realizada a análise qualitativa. Por meio da análise de conteúdo, foi possível concluir que o programa Cidades e Soluções se enquadra como uma produção de Jornalismo de Solução, apresentando nas edições selecionadas todas as características estabelecidas pela organização de Jornalismo de Solução, sendo elas: Profundidade da resposta; Como essa resposta funciona de forma detalhada; Eficácia e evidência dos resultados; Limitações da abordagem; Fornece insights. Apenas na reportagem sobre o novo coronavírus não foi possível constatar a característica eficácia e evidência dos resultados, mas isso se justifica ao passo que é um vírus recente que não apresenta um método de prevenção 100% eficaz. Três das edições analisadas apresentam mais de uma história no

decorrer da reportagem, que quando analisadas de forma unitária não correspondem a todas as características do JS, mas em sua totalidade se enquadram.

O Jornalismo de Solução vem se mostrando como um tema de grande relevância para o jornalismo atual, constantemente atacado pelo distanciamento com o público e pela veiculação de apenas notícias negativas. Dessa forma, as contribuições aqui apresentadas são de extrema importância pois apresentam o JS e sua forma singular de produzir jornalismo, que além de expor o problema, inclui todo o contexto e as soluções que podem ser reproduzidas. Junto a isso, o JS ainda é um tema pouco pautado em pesquisas científicas, uma das limitações do artigo. Por conseguinte, grande parte da bibliografia foi retirada de artigos on-line e as características utilizadas para a análise foram extraídas do site da *Solutions Journalism Network* e traduzidas para melhor compreensão do tema. A limitação também se encontra no fato da categoria ainda ser negligenciada no jornalismo brasileiro, sendo vista ainda em poucas iniciativas, como a mais recente do Grupo RBS. A contribuição aqui desenvolvida se mostra promissora pois características mais concretas foram elencadas e uma bibliografia do JS e os antecessores também foi apresentada.

Estudos futuros sobre como o Jornalismo de Solução aumenta o engajamento e o relacionamento com o público podem ser de grande valia para o jornalismo, bem como, a forma que o JS pode promover mais credibilidade para o jornalismo na atualidade. Como pesquisadora, foi um trabalho que me motivou e reacendeu o interesse em fazer um jornalismo que beneficie e traga impactos positivos para as pessoas. Enquanto jornalistas não podemos mudar o mundo, mas podemos ajudar a transformar diariamente a vida de pessoas que necessitam de ajuda e que são desassistidas por quem deveria as apoiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M, Clarissa, et al. *Telejornalismo I*. Porto Alegre: Sagah Educação, 2018. (Biblioteca virtual Minha Biblioteca). Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595028340>. Acesso em: 09 out. 2020.

ARAUJO, F, Gilvan. *Telejornalismo: da história às técnicas*. Curitiba: InterSaberes, 2017. (Biblioteca Virtual Pearson). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/124261/pdf/0?code=x0kiD7+lpZ46wXjsPtXBiUruvd/WAFyVyo8NizPmhTjJmUdSm4qczBX3Ta6lnmJItHpHQCyznUfUG+eIe7Mzfw>. Acesso em: 07 out. 2020.

BISTANE, Luciana, BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005. (Biblioteca virtual Pearson). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1179/pdf/0?code=kQ3T65HgubW+TpID S636ui35+yFtext1svYcrUnWTzd4FCXmY0ll17xsm+GGBfkzkC1+9Fig2GabXVipwUVuHw>. Acesso em: 07 out. 2020.

CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. *Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.20, n.3. Brasília - DF. 2017. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1371/947>. Acesso em: 21 set. 2020.

CARDOSO, Z, Anelise. *Jornalismo para paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira*. Porto Alegre. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105023/000943240.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 set. 2020.

DE SOUZA, G. Mariana. *Jornalismo de Soluções: Um caminho possível*. Porto Alegre: 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177692>. Acesso em: 22 abr. 2020.

DORNELLES, Beatriz. *O local em destaque: jornais de bairro x cadernos de bairros*. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 Nº 1. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p244>. Acesso em: 22 set. 2020.

HERSCOVITZ, G. Heloiza. *Análise de Conteúdo em Jornalismo*. In. LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo*. Coleção Fazer Jornalismo. Editora Vozes. 2010.

LIMA, A. A, Marcus; MOTA, M, Flávia. *Jornalismo Cívico como alternativa e ferramenta para uma prática mais social da comunicação*. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.22-39. 2014. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/1230-pautageral/v01n02/13031-jornalismo-civico-como-alternativa-e-ferramenta-para-uma-pratica-mais-social-da-comunicacao.html>. Acesso em: 05 set. 2020.

LOOSE, B. Eloisa. *Jornalismo de Soluções e mudanças climáticas: Estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1*. La Comunicación de la mitigación ante la emergencia climática. Editora Egregius, Colección Comunicación Y Pensamiento, 1ª edição, 2019. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/91468/cap.%204.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2020.

MEDIUM. *Ten Reasons Why We Need Solutions Journalism*. 2016. Disponível em: <https://thewholestory.solutionsjournalism.org/ten-reasons-why-we-need-solutions-journalism-a4b29c663086>. Acesso em: 02 out. 2020.

SILVA, R. D. G. da. *O papel social do jornalismo cívico e a interação midiática entre o jornalista e as minorias sociais*. Revista de C. Humanas. Minas Gerais, v.12, n.1, jan/jun 2012. Disponível em <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo5vol12-1.pdf>> Acesso em: 02 de out. 2020.

SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK. solutionsjournalism.org, c2020. Página inicial. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SOUZA, R. B. Rafael. *A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais*. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442018000200055&lng=pt&tlng=pt#fn01. Acesso em: 29 mar. 2020.

WENZEL, Andrea; GERSON, Daniela; MORENO, Evelyn. *Engaging Communities Through Solutions Journalism*. 2016. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/engaging_communities_through_solutions_journalism.php. Acesso em: 10 set. 2020.